

COMPREENSÃO ACERCA DO PROCESSO DE BUSCA PELO TRANSCENDENTE À VOLTA AO EXISTENTE

*UNDERSTANDING THE PROCESS OF SEARCHING FOR THE TRANSCENDENT GOING
BACK TO THE EXISTING*

Cesar Augusto Veras,¹² Pedro Pereira Borges¹³

¹² Universidade Católica Dom Bosco

¹³ Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Correspondência para: Cesar Augusto Veras (semcesaraugusto@gmail.com); Pedro Pereira Borges (pobojari@uol.com.br)

Recebido em: março de 2019; Aceito em: julho de 2019

RESUMO

O presente trabalho visa contribuir na elucidação no modo de ver e pensar a filosofia - de modo particular o período medieval- que não se separa da história do desenvolvimento do Ocidente. O objetivo geral estabelecido consiste em verificar o processo de transformação da filosofia medieval, esta que é marcada por uma constante busca pela explicação do transcendente, mas ao final desse período, vê-se a necessidade de um retorno à existência, isto é, discutir questões relacionadas à própria existência. Quanto ao método, o que será usado para fins deste trabalho será o indutivo-dedutivo. Quanto à metodologia adotada, esta será de caráter bibliográfico, ou seja, será feito um levantamento em referências bibliográficas disponíveis para todos, publicadas pelos diversos meios disponíveis, isto é, impresso ou virtual, sem prejuízo à produção do conhecimento. Frente a esse objetivo, foram possíveis chegar a algumas considerações. Dentre elas, pode-se destacar três pontos, sendo eles: 1) A fé cristã-católica assume papel imprescindível na história do Ocidente e acaba deixando marcas indeléveis, principalmente por meio de uma “evangelização cultural”. 2) A Igreja Católica não só contribuiu para o desenvolvimento do Ocidente, influenciando de maneira significativa o modo de pensar e agir, mas, antes de tudo, formou o ser humano que vive e existe neste tempo e espaço. 3) Por fim, o ser humano pode e é conatural a busca pela felicidade, porém é imprescindível que a busque a partir de sua condição humana, não se aniquilando tentando falsear tal busca.

Palavras-chave: Cristianismo. Escolástica. Agostinho. Tomás de Aquino. Transcendente.

ABSTRACT

The present work aims to contribute to the elucidation in the way of seeing and thinking philosophy - in a particular way the medieval period - that is not separated from the history of the development of the West. The general objective is to verify the process of

transformation of medieval philosophy, which is marked by a constant search for the explanation of the transcendent, but at the end of this period, we see the need for a return to existence, that is, to discuss issues existence. As for the method, what will be used for purposes of this work will be the inductive-deductive. As for the methodology adopted, this will be a bibliographical character, that is, a survey will be made in bibliographical references available to all, published by the various means available, that is, printed or virtual, without prejudice to the production of knowledge. Against this objective, it was possible to arrive at some considerations. Among them, three points can be highlighted: 1) The Christian-Catholic faith assumes an indispensable role in the history of the West and ends up leaving indelible marks, mainly through a "cultural evangelization". 2) The Catholic Church not only contributed to the development of the West, influencing significantly the way of thinking and acting, but, first of all, formed the human being who lives and exists in this time and space. 3) Finally, the human being can and is connatural the search for happiness, but it is imperative that he seek it from his human condition, not annihilating trying to falsify such a search.

Keywords: Christianity. Scholasticism. Augustine. Thomas Aquinas. Transcendent.

INTRODUÇÃO

Tendo acontecido modificações no modo de compreender a filosofia no decorrer do período clássico, ela acaba tendo de responder aos ditames do Estado. Contudo, a era clássica passa a sofrer alterações na forma de pensar e viver com o advento do Cristianismo. Este capítulo objetiva compreender e elucidar a influência de tal emergência no Ocidente, o impacto deste pensamento, e o novo modo de compreender o mundo, oferecido nessa época, que atingirá seu ápice na transição para a modernidade.

O período medieval é marcado por diversos embates, surgindo com isso diversos pensadores e eventos que marcam esta época. Desde a emergência do cristianismo¹² e uma profunda estruturação, à uma tentativa de demonstrar a existência de um “ser

¹²Religião emergente que influenciou de maneira significativa a forma de pensar e agir do ser humano Ocidental.

transcendental”. Contudo, seguindo a essa busca constante de demonstração do transcendente, acontece a logicização do mesmo, a ponto de dar os primeiros passos rumo à modernidade onde será avassaladora a prevalência dos mestres da suspeita.

Diante desse contexto que já fora citado acima, o cristianismo, de modo partícules os filósofos cristãos, abraça a filosofia grega e demais ideias com o intuito de fundamentar crenças já vigentes nessa nova religião. Com isso, o cristianismo passa a ser influenciado por ideias platônicas, surgindo assim o neoplatonismo, bem como volta à Aristóteles e até a Averróis e Avicena, como faz Santo Tomás de Aquino, visando expor de maneira sistemática questões relacionadas à fé cristã-católica.

Nesse sentido, para elucidar a compreensão ao objetivo proposto, o presente trabalho se divide em quatro subtópicos, a saber: 1) A emergência do Cristianismo; 2) O Neoplatonismo no Cristianismo; 3) A Escolástica e o ápice da busca pela compreensão do transcendente; 4) Da busca pelo transcendente à volta ao existente.

A EMERGÊNCIA DO CRISTIANISMO

A transformação da era clássica pode ser vista de modo mais clarificado a partir do evento Cristianismo¹³. Por volta do século IV a.C, Alexandre Magno, proveniente da Macedônia, conquista a Grécia, Pérsia, o Egito e a Índia, formando assim um dos maiores Impérios do mundo antigo. Entretanto, com a morte de Alexandre, emergiu as lutas e divisões no Império helênico entre as dinastias, sendo assim, Roma passa a ser o centro do mundo antigo. No entendimento de Tarnas (1999, p. 92), “apesar da ascensão romana, a cultura grega continuava dominando todas as classes elevadas do mundo mediterrâneo mais nobre – tanto que foi rapidamente absorvida pelos romanos”. Assim,

¹³ Segundo Tarnas (1999, p.112), até os dias atuais o Cristianismo, de diversas formas e modos, permeia o ambiente cultural do Ocidente, isso é possível de constatar, por meio das normas morais, direitos internacionais e humanos, dentre outras influências que compõe a visão de mundo ocidental.

desde Paulo (5-67 d.C.) até Agostinho (354-430 d.C.), a natureza e os aspectos da religião cristã foram fundindo-se ao contexto greco-romano. Aos poucos as escolas esotéricas, as religiões de mistério, o pluralismo e o sincretismo presentes na cultura helênica foram perdendo força, sendo o politeísmo substituído pelo monoteísmo. Nessa perspectiva, segundo Tarnas (1999, p. 120),

A cristandade certamente começou e triunfou no Império Romano não como filosofia, mas como religião – ocidental e judaica em seu caráter, enfaticamente comunitária, salvadora, emocional, mística, dependente de afirmações reveladoras de fé e crença e quase totalmente independente do racionalismo helênico. Em pouco tempo, a cristandade descobriu que a filosofia grega não era um simples sistema pagão estranho que deveria ser combatido, mas, na visão de muitos dos primeiros teólogos cristãos, ela era a matriz divinamente preparada para a explicação racional da fé cristã.

Nesse sentido, o Cristianismo representa uma divisão na história da filosofia, divisão esta que faz emergir uma nova concepção no Ocidente. Inicialmente parece ser apenas mais uma ramificação do Judaísmo, entretanto começa a ameaçar o Império, este se percebendo ameaçado pelo novo movimento que surgia, escolhe acabar com a religião emergente e conseqüentemente com seus seguidores. Contudo, segundo Hefnerich (2006), após a morte de Jesus – este jovem líder que nasceu nas periferias do Império Romano, numa vila chamada Nazaré – seus seguidores começaram a vivenciar a esperança, esperavam que seu Mestre iria retornar, iniciando assim uma nova era. Assim, os Judeus eram convidados a aceitar a atuação de Deus na história, ou seja, “numa paradoxal combinação do linear e do atemporal, a cristandade declarava que a presença de Cristo no mundo era a confirmação do futuro que Deus havia prometido” (TARNAS, 1999, p. 116). Nutridos por esta esperança, cada vez mais a religião cristã e seus ideais proliferavam por todo o Império e além dele por meio de seus discípulos.

Desse modo, nos primeiros séculos, O Cristianismo organizava em pequenas comunidades, temendo a perseguição por parte do Império. Essas reuniões de cristãos

aos poucos foram recebendo o caráter de Igreja, ou seja, um povo que se reunia. Contudo, sendo o Cristianismo organizado em pequenas comunidades, carecia de uma unidade, levando a interpretações distorcidas da mensagem de Cristo, além da falta de clareza doutrinária e conflitos entre as comunidades. Com isso, estando em risco a unidade e integridade da nova religião, houve a necessidade de uma organização institucional, bem com uma doutrina que fosse comum e pudesse favorecer a clareza identitária da religião emergente. Diante deste processo, a filosofia grega desempenha um papel significativo no Cristianismo, fundamentando as discussões acerca de temas doutrinários, favorecendo uma unidade institucional e meios para uma reta compreensão dos artigos da fé cristã.

Segundo Marías (2004, p. 115), o Cristianismo “modificou de modo essencial os pressupostos a partir dos quais se move o homem, e, portanto, a situação de que parte para filosofar”. Diante das tentativas do ser humano ao longo da história em interpretar o cosmo, e buscando um sentido para a existência, o ser humano encontra no Cristianismo seu porto seguro. Este, foi capaz, por meio da ideia de criação, dar sentido tanto à existência do mundo quanto do homem. Paulo de Tarso, grande perseguidor dos cristãos no início e, posteriormente a caminho de Damasco se converte, passa a ser seguidor de Cristo e propagador da fé. Liderado por ele, um movimento ainda inexpressivo começa a se espalhar por diversos lugares – Ásia Menor, Egito, Grécia e Roma –, assim, seus discípulos – de Jesus – “não fundaram escolas, mas exerceram o ministério da palavra nas praças, nos lares, nos navios e nas prisões, instruindo as pessoas simples” (NUNES, 2018, p. 24).

Todavia, após um longo período sendo perseguido pelo Império Romano, o Cristianismo começa a ganhar maior expressão. Isso é constatado de maneira mais explícita por volta do século IV, com a conversão de Constantino – imperador romano –, após sua conversão por meio de um sonho, ele empenha-se em propagar a fé cristã, bem como cessa a perseguição por parte do Império durante seu governo. Assim,

atrelado ao estado, a nova religião ganha maior visibilidade e passa a ser assolada por intelectuais da época que questionam os princípios sobre os quais os cristãos fundamentam sua fé. Concomitante a isso, segundo Helferich (2006, p.75), “o aparecimento dos Padres da Igreja introduz uma nova etapa na história do Cristianismo, na qual se inicia uma espécie de confronto com o paganismo”. Com isso, os Padres da Igreja exercem o papel de defensores da fé escrevendo textos fundamentando suas crenças diante dos assaltos gentios.

Desse modo, as ideias platônicas fundamentais – o *lógos*, a existência de uma realidade transcendental perfeita, a primazia do espiritual sobre o material, o cuidado com a alma e a imortalidade desta, dentre outras ideias – convergiam para a sustentação racional do Cristianismo. Elas eram ressignificadas, a fim de proporcionar uma compreensão metafísica profunda acerca dos mistérios cristãos. Assim, é possível encontrar uma grande expressão desta fusão das ideias platônicas no Cristianismo, nas obras de Agostinho. Ele “sustentava que as Formas platônicas existiam na mente de Deus e que a base da realidade estava além do mundo dos sentidos, disponível apenas através de um volver radical para o interior da alma” (TARNAS, 1999, p. 123). Este – Agostinho – representa assim, um importante sintetizador entre o pensamento cristão e a filosofia grega, ou de modo mais específico, neoplatônica.

O NEOPLATONISMO NO CRISTIANISMO

Ante o processo de desenvolvimento do Cristianismo, surge uma figura a qual contribui de maneira significativa para a elaboração da filosofia e teologia cristã medieval, imprimindo marcas indeléveis no espírito cristão e moderno, tal como o conceito de interioridade a ser resgatado e mais bem explicado na modernidade. Esta figura que se faz necessário rememorar é conhecida por Agostinho, bispo de Hipona. O bispo Agostinho viveu na região pertencente ao Império Romano, numa época de crises imensuráveis que contribuíram para a decadência do Império. Morre por volta de 410

d.C., em Roma, quando fora invadida pelos Visigodos. Segundo Helferich (2014, p.82), “os cultos pagãos foram proibidos em 391, e o Cristianismo, elevado à condição de religião oficial do Estado. Acirrou-se então a polêmica entre cristãos e pagãos, já que a queda de Roma foi vista pelo lado pagão como demonstração da fraqueza do Deus cristão”.

Neste cenário histórico um pouco conturbado, Agostinho está situado. Antes de ser bispo, ele percorreu outros caminhos. Somente em Milão, Agostinho se encontra com Ambrósio e escutando-o desperta um desejo de começar a aprofundar no estudo do Cristianismo. “Aos poucos sentiu-se atraído para o psíquico e espiritual, por uma preferência filosófica e aspiração religiosa e, por fim, pela religião de sua mãe” (TARNAS,1999, p. 164). Com isso, decide aderir à nova religião, pois nela encontrava a possibilidade de encontrar respostas – a verdade - acerca das inquietações interiores que buscou durante toda sua vida. Desse modo, tendo vivenciado outras experiências, Agostinho insere no Cristianismo - visando elaborar argumentos em defesa da fé – “uma série de doutrinas helênicas, sobretudo neoplatônicas, de Plotino e Porfírio; [...]. Esse importantíssimo patrimônio da filosofia grega passa para o Cristianismo e para a Idade Média através de Santo Agostinho” (MARÍAS, 2004, p. 125).

O centro da filosofia de Agostinho centra-se em dois problemas essencialmente: Deus e a alma¹⁴. A elaboração da filosofia de Agostinho foi feita a partir da aproximação entre o neoplatonismo e os ensinamentos do apóstolo Paulo e do evangelho de São João (por volta de 90 d.C.). De certo modo, sua especulação centrará na figura de Deus, sendo a fonte de seu trabalho metafísico e teológico, e de outro lado também na intimidade, na alma e o modo como o ser humano se relaciona e vive neste mundo. Assim, para que haja conhecimento é necessário a caridade, o amor, sem isso não é possível chegar à

¹⁴ Segundo Marías (2004), para Agostinho a alma é estritamente espiritual, ou seja, tem o caráter de mergulhar em si mesma, o espírito tem um dentro, assim Agostinho é tido como o homem da interioridade.

verdade, o amor é o princípio motor da alma. Enquanto Platão parte das coisas, o bispo de Hipona acredita que a alma – uma realidade íntima, que ele também classifica como o homem interior – é o centro a partir do qual o ser humano partirá para compreender o mundo. Nessa perspectiva, segundo Helferich (2014, p. 78), “para que a ‘interioridade’ venha a se desenvolver, é preciso que um indivíduo observe a si mesmo, que se volte para dentro, onde descubra o mundo mais ou menos belo de suas disposições e sentimentos, e ocupe-se disso de modo consciente”. Dessa forma, o encontro com Deus se dá a partir de um encontro com o si mesmo – com a alma -.

Outra característica marcante proveniente do pensamento platônico são as formas arquetípicas. Agostinho retomando as ideias platônicas a fim de tentar propiciar explicações contundentes acerca da fé cristã, explica que o modelo daquilo que fora criado, não está no mundo das ideias como acreditava Platão, mas na mente de Deus. Desse modo, segundo Marías (2004), na leitura de Agostinho, a alma pode ser iluminada por Deus e mediante a isso elevar-se ao conhecimento da realidade eterna. Concomitante a isso, referindo-se ao mal, Agostinho utiliza a ideia de livre-arbítrio. Pela nossa razão, sendo ela iluminada, o ser humano deve se esforçar a fim de controlar as paixões, pois estas, tal como para Platão, são más. Tal pensamento não só é proveniente do neoplatonismo, mas consequência do contexto pervertido no qual o bispo de Hipona está inserido. Dessa forma, o motivo pelo qual Deus concede a liberdade ao ser humano consiste na possibilidade de escolher ser livre fazendo a vontade de Deus ou escravo do mundo. Portanto, se Deus não proporcionasse o direito de escolha, o indivíduo seria mera marionete movido e impulsionado pelo Criador.

Assim, dentre as principais contribuições de Agostinho ao desenvolvimento da filosofia, na abordagem de Marcondes (1997), está a clarificação acerca da relação entre teologia e filosofia, por meio da teoria da iluminação, ou seja, a razão é iluminada pela fé, assim é possível alcançar a verdade, por meio da iluminação necessitando de um Ser superior dotado de plena sabedoria. A segunda contribuição consiste na elaboração de

uma teoria do conhecimento enfatizando a subjetividade e a interioridade. Consequentemente, a terceira contribuição de Agostinho reside na construção de sua teoria da história, contida na obra *Cidade de Deus*¹⁵. O modo como Agostinho concebe a história, a natureza humana e a iluminação divina, contribuem para a consolidação da Igreja na Idade Média. Assim, diante da devastação do Império Romano e invasão pelos bárbaros, a Igreja consegue sobreviver e se empenha na evangelização, tendo por finalidade a conversão dos bárbaros pagãos, já que não era possível derrotá-los com armas. Além disso a crença de Agostinho “de que a Igreja guarda na Terra as chaves da cidade de Deus foi uma das bases da doutrina da supremacia do poder espiritual sobre o temporal na Idade Média” (MARCONDES, 1997, p.125).

A ESCOLÁSTICA E O ÁPICE DA BUSCA PELA COMPREENSÃO DO TRANSCENDENTE

Com a devastação do Império Romano, a Europa Ocidental começa a ser colonizada pelos bárbaros, povos estes que não tinham interesse algum pela filosofia. Somente a partir do século IX d.C., mediante um laborioso empenho na evangelização e catequização deles -bárbaros- por parte da Igreja Católica isso começa a mudar. Assim, “a situação da Europa Ocidental nessa época é bastante instável, com a fragmentação política, econômica, linguística e cultural decorrentes dessas invasões até a consolidação dos primeiros reinos bárbaros na Europa Ocidental” (MARCONDES, 1997, p.126-127). Diante deste contexto perturbante, Tarnas (1999) salienta que por conta de os padres cristãos não terem rejeitado as realizações pagãs clássicas, reinterpretando-as e possibilitando assim que os monges mantivessem aquilo que fora produzido pelo

15 Salienta Marcondes (1997) que, na obra *Cidade de Deus*, Agostinho faz uma interpretação acerca da história, perpassando desde a origem na criação, a queda do homem - deixando-se corromper pelo pecado, sendo assim expulso do Paraíso - até o juízo final e a redenção, onde se concretiza a volta do homem a Deus.

Ocidente até então, a cultura foi capaz de se desenvolver integrando valores já estabelecidos à religião.

Estando a cultura ocidental aparentemente fadada ao fracasso, após a tomada da Europa pelos bárbaros, a única instituição que consegue permanecer diante desta catástrofe é a Igreja Católica. Desse modo, a Igreja procura manter viva a história cultural nos mosteiros, por meio dos escritos. Nos mosteiros, a Igreja preserva os textos clássicos existentes no Ocidente, além de exercer influência significativa no desenvolvimento cultural e educacional. Sincrônico a isso, devido a proliferação do ensino promovido pela Igreja a filosofia consegue continuar se desenvolvendo. Este ensino concentrava-se nos mosteiros e nas catedrais, sendo ele voltado à formação do clero, integrando à formação o ensino acerca dos padres da Igreja, de filósofos e teólogos vinculados à instituição, bem como das artes de gramática e retórica.

Com o crescimento das atividades artesanais e comerciais, aos poucos ocorrem transformações no modelo econômico e político, atingindo seu auge na reforma protestante. Defronte dessas transformações, com as escolas já instaladas nas catedrais, impelidos pelas mudanças sociais e econômicas, a sociedade, em especial aqueles que irão desempenhar algum cargo público, sentem a necessidade de uma formação mais densa e, desse modo, começa a surgir as Universidades. Dessa forma, as Universidades serão instituições de ensino, porém, antes de tudo, tratar-se-ão de um ambiente dedicado à pesquisa e produção do saber. Sendo assim, as Universidades neste período são os “palcos” de discussões e polêmicas. “Conforme se desenvolvia o aprendizado, a atitude dos eruditos em relação ao Cristianismo tornava-se menos irracional e mais refletida” (TARNAS, 1999, p. 198). Concomitante a isso, a Igreja vislumbra por meio das Universidades a formação mais densa e completa de seus clérigos, filósofos e teólogos a fim de combater os hereges e responder às indagações de seu tempo.

Um dos fatores que influenciaram o contato entre Ocidente e Oriente, consiste no fato de que Alexandre acaba conquistando boa parte de regiões pertencentes ao Egito, Síria, regiões ao Norte da Mesopotâmia e Pérsia. Desse modo, movidos pelas conquistas territoriais, acontecem fusões culturais. Na compreensão de Tarnas (1999, p. 198), “Essa mudança foi desencadeada nos séculos XII e XIII, quando o Ocidente redescobriu uma grande quantidade de escritos de Aristóteles, preservados pelos muçulmanos e bizantinos e agora traduzidos para o latim”. Devido a influência neoplatônica no Cristianismo, de modo particular por meio de Agostinho e seus seguidores, o pensamento de Aristóteles acaba não sendo aceitável de bom grado quando aparece, sendo considerado até herético. Outro fator que influencia essa rejeição de início é o fato de ser traduzido e interpretado por árabes¹⁶, estes que não eram adeptos ao Cristianismo.

Anselmo de Cantuária (1033-1109 d.C.), segundo Marcondes (1997), pode ser considerado um dos primeiros pensadores da escolástica, detendo-se acerca da articulação entre fé, entendimento, razão e revelação. “Já se encontram em Santo Anselmo as linhas gerais que virão a definir a Escolástica, e sua obra constitui uma primeira síntese dela. A filosofia e a Teologia da Idade Média guardam, portanto, a marca profunda de seu pensamento” (MARÍAS, 2004, p. 155). Destarte, concomitante a este período emergiram figuras marcantes, tal como João Scotus (1266-1308 d.C.), São Boaventura (1221-1274 d.C.), Tomás de Aquino (1225-1274 d.C.) e Guilherme de Ockham (1285-1347 d.C.), dentre outros. Percebe-se ao longo da Idade Média uma filosofia que está mais voltada à compreensão e explicação do transcendente, saindo de uma perspectiva meramente vivencial da fé, muitas das vezes através dos sentimentos, caminhando rumo a um entendimento mais racional. Sincrônico a essas discussões, de uma parte contribui para a estruturação da Teologia, enquanto também abre os

¹⁶ Salienta Marías (2004, p.164) que a grande importância dos árabes foi a propagação do pensamento de Aristóteles, sendo esta contribuição de grande influência para a plenitude da Escolástica.

horizontes para a modernidade, entrando em decadência a própria Idade Média e desenfreado a fragmentação maciça da religião cristã devido a reforma protestante.

Nessa perspectiva, a fragmentação da religião cristã católica, atribui-se ao fato da institucionalização da fé, desenvolvendo concomitante a isso uma filosofia com contribuições provenientes de outras culturas e autores não cristãos, principalmente árabes. “Com a sagrada autoridade papal tão claramente à mercê de forças políticas instáveis, [...], o papel da Igreja tornava-se cada vez mais obscuro; a unidade da cristandade ocidental estava perigosamente ameaçada” (TARNAS,1999, p.220). Destarte, frente a esta situação, emergem movimentos os quais almejam resgatar o aspecto místico do Cristianismo. Para estes, era fundamental distanciar-se dos aspectos hierárquicos definidos pela Igreja, bem como de toda pompa. Portanto, para este movimento que emergia a fim de confrontar a escolástica – esta que buscou demasiadamente uma fé racionalizada – era essencial uma vida simples e de renúncia, sendo esse o caminho para chegar a Deus.

DA BUSCA PELO TRANSCENDENTE À VOLTA AO EXISTENTE

No final da Idade Média, tendo a escolástica atingido seu ápice com a proliferação de seus pensamentos por meio das Universidades, ela acaba mergulhando num colapso. Com o surgimento do movimento humanista - liderado de modo especial por Petrarca (1304-1374 d.C.) – os intelectuais sentem a necessidade do retorno às fontes, visto que a Europa havia esquecido seu legado clássico. Ao resgatarem as fontes da cultura ocidental, visavam interpretar os textos desvinculados do Cristianismo, em seus próprios contextos, de acordo com a época e modo de vida em que fora escrito. Concomitante a racionalização do ensino eclesiástico e sincrônico a isso, o humanismo objetivava refletir acerca dos conflitos, fantasias e emoções que permeiam a vida do ser humano. Tarnas (1999, p. 233), aponta que

Enquanto a sensibilidade de Dante culminara e sintetizara a Era Medieval, a de Petrarca olhava para a frente e impelia para um tempo futuro, trazendo um renascimento da cultura, da criatividade e da grandiosidade do homem. [...]. Dante e os escolásticos concentravam-se na precisão teológica e no conhecimento científico do mundo natural; Petrarca, ao contrário, envolvia-se nas profundezas e complexidades de sua própria consciência. Em vez da construção de um sistema espiritual e científico, seu enfoque era psicológico, humanista e estético.

O movimento humanista proporcionava, ao invés de abstrações silogísticas, a exaltação do espiritual sobrepondo, desse modo, o aspecto tão somente racional do ser humano. Devido a institucionalização da filosofia, bem como da fé, Aristóteles, Tomás de Aquino – os dois “grandes” nomes lidos e citados na Escolástica – e a própria Igreja acabaram perdendo espaço. “A escolástica tardia vicejou em um clima acadêmico marcado por características que muitas vezes chegavam à caricatura da precisão intelectual e rigor analítico quase sobre-humano” (TARNAS, 1999, p. 235). Com o retorno do pensamento clássico de forma predominante, acontece então uma revitalização cultural no ocidente, possibilitando assim uma educação desvinculada das obrigações impostas pelo Cristianismo. Essa liberdade marca uma independência de espírito, abrindo novos horizontes à nova forma de pensar no Ocidente.

Sincrônico ao movimento humanista, emerge o renascimento. Neste período o homem começa a deslocar-se do segundo plano ao primeiro. Outrora o homem estava em segundo plano, tendo o transcendente - entendido também por Deus, ou Ser Absoluto – em primeiro lugar, agora o homem passa a sentir-se parte daquilo que faz. Isso se deve à independência que foram adquirindo em relação à Igreja e a supra valorização da individualidade. Estando a Idade Média avassalada por: ‘pragas’, doenças, de modo particular a peste negra; guerra dos Cem Anos (1337-1453 d.C.) entre Inglaterra e França; lutas internas na Itália, saques por piratas, alto índice de criminalidade e mercenários. Em reação a estes males que afligem a Europa, acontece a

proliferação de magia negra, bruxas, veneração ao demônio e missas negras. Ao mesmo tempo, a Igreja, instituição que contribuiu para a construção da civilização Ocidental, acaba sendo afetada por conspirações internas em busca do poder. Diante deste contexto, a descrença aumenta e o ser humano começa a se perceber frágil, tendo a necessidade de refletir e buscar soluções que auxiliam a bem viver.

Com as invenções técnicas – bússola magnética, pólvora, relógio mecânico e a imprensa - acontece uma revolução cultural no Ocidente. Iniciam as grandes navegações, cresce o nacionalismo, o tempo ganha novo sentido, desvinculando o homem aos poucos dos ritmos da natureza. De modo particular, a imprensa produz “um fabuloso aumento no aprendizado, levando tanto as obras clássicas como as modernas a um público cada vez mais amplo e erodindo o monopólio do conhecimento há muito nas mãos do clero” (TARNAS, 1999, p. 247). Tendo a propagação de novas ideias e muitas vezes revolucionárias, com o auxílio agora da imprensa, as antigas estruturas feudais vão se desvencilhando e as eclesiásticas sendo questionadas em sua autoridade absoluta. Constata-se assim, o processo de desenvolvimento da filosofia no Ocidente, que em cada época e contexto procura dar respostas, e agora culmina para uma nova transição conhecida como Idade Moderna, onde os pressupostos que conduzirão o pensamento e a reflexão serão reformulados, voltando-se de modo principal ao indivíduo enquanto tal.

Em todo o ocidente da cristandade, opera-se uma transformação da natureza do poder: os vínculos pessoais organizados em torno da ideia de suserania são substituídos progressivamente por uma hierarquia jurídico-administrativa focalizada por um princípio que anuncia a noção moderna de soberania; a autoridade real não mais se exerce sobre um patrimônio povoado por populações protegidas ou assistidas, mas sim sobre um território cujos habitantes possuem cada vez mais direitos e deveres bem definidos; o próprio monarca, que comanda de maneira absoluta seus súditos, não pode infringir as regras por ele editadas ou com as quais concordou (PISIER, 2004, p. 30).

Com as novas invenções, a disseminação de escritos e o aumento da alfabetização, desenvolve-se uma sociedade mais culta. Essas transformações possibilitam ao ser humano perceber sua grandeza, capacidade de criar e senso crítico para questionar aquilo que antes era apenas aceito, levando assim a um certo relativismo cético. Nessa perspectiva de transformações e transição, o pensamento, as ações políticas e a capacidade do indivíduo ganham maior destaque, rompendo com antigas estruturas e tradições. Assim, acredita Tarnas (1999, p. 254) que, “em meio a um grandioso drama e a convulsões dolorosas, o Homem moderno nascia no Renascimento, ‘arrastando nuvens de glória atrás de si”.

Desse modo, tendo a filosofia na Era clássica desenvolvido numa perspectiva terapêutica e depois se institucionalizado, passando assim a responder aos ditames do Estado. Acontece na história um evento marcante que divide a mesma em épocas, a saber: antes de Cristo e depois de Cristo. O Cristianismo então abraça a filosofia pagã e com isso a toma por meio de fundamentar suas ideias. Percebe-se então ao longo do período medieval um desenvolvimento da filosofia, já atrelada ao Estado, que agora passa a responder às necessidades do Cristianismo. Frente a isso, ao findar a Idade Média, estando esta perspectiva de filosofia voltada à explicação e à busca pelo transcendente, o ser humano sente a necessidade de voltar-se à existência, pois havia se esquivado de tais reflexões, dotadas de caráter mais independentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo visou demonstrar o processo que levou às transformações acontecidas com o advento do Cristianismo no Ocidente, bem como as influências desta religião no modo de compreender o mundo. Depois de exposto parte do processo de transformações da filosofia, foram abordados alguns efeitos da institucionalização e da politização da fé cristã ao mundo Ocidental e suas implicações na filosofia. Ao fazer tal

recorte filosófico-histórico, pode-se perceber que o Ocidente é fruto de uma história de desenvolvimento, sendo que neste, algumas ideias foram preponderantes.

Um dos fatores determinantes para que a fé cristã-católica ganhasse impulso, se tornando propulsora dos acontecimentos significativos para mudança de paradigmas, foi a atuação por meio da vertente cultural. Tal atuação foi efetivada através de escritos, textos de intelectuais vinculado à Igreja, que visavam defender a fé cristã dos ataques sofridos até então e, além disso, a influência significativa que a Igreja passa a desenvolver nas Instituições de ensino – sendo que muitas delas são fundadas por ela – são cruciais para que ainda nos tempos atuais, apesar da ampla pluralidade religiosa e de pensamento, a cultura cristã permanecesse com tamanha força e influência. Este acontecimento se dá pelo fato de que o objetivo do cristianismo, em especial do período do medieval consistiu em oferecer explicações contundentes a ponto de se tornarem quase que absolutas.

Desse modo, percebe-se que a Igreja não só contribuiu para a formação da cultura Ocidental, mas para a formação do ser humano que vive nesta realidade que, apesar das diversas transformações sociais, ainda mantém alguns valores como inquestionáveis e outros não abre espaço para questionamento, visto que o modo de pensar judaico-cristão é parte integrante de sua formação humanística. Contudo, mesmo que certos valores sejam parte integrante do ser humano, não se pode esquivar de discutir questões relacionadas a própria existência, questões vinculadas ao tempo e espaço em que vivemos.

Nesse sentido, o ser humano pode e é próprio de sua natureza buscar a felicidade, porém é imprescindível que a busque a partir de sua condição humana, não se aniquilando tentando falsear tal busca. Assim, devido a essa sobreposição da busca pelo transcendente, num determinado momento, sentiu-se a necessidade de voltar ao existente, retornar às discussões inerentes à sua realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HELFERICH, Christoph. História da Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MARÍAS, Julian. História da Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. História da Educação na Antiguidade Cristã. São Paulo: CEDET, 2018

MARCONDES, Danilo. Iniciação à História da Filosofia: Dos pré-socráticos à Wittgenstein. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

PISIER, Evelyne. História das ideias políticas. Barueri, SP: Manole, 2004.

TARNAS, Richard. A epopeia do pensamento ocidental: para compreender as ideias que moldaram nossa visão de mundo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.